

ENSINO RELIGIOSO NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA PESSOA

Maria Judith Sucupira da Costa Lins

Professora adjunta da Faculdade de Educação da UFRJ

mariasucupiralins@terra.com.br

RESUMO

Este artigo focaliza o ensino religioso nas escolas como um fator do desenvolvimento pessoal. Não há intenção de descrever nenhuma religião em particular. O objetivo deste artigo é mostrar como é importante para as crianças e para os jovens que tenham a oportunidade de receberem ensino religioso nas escolas. Referências bibliográficas mostram que o ensino religioso é um tópico de interesse aos educadores em diferentes países. Foi descrito que o ensino religioso é também um componente para o desenvolvimento social, cognitivo, emocional e moral dos estudantes. É também sugerido que este artigo deva ser continuado por pesquisas.

Palavras-chave: Ensino religioso; Desenvolvimento humano; Formação da pessoa; Escola; Religião

ABSTRACT

This article focuses the religious education in schools as a factor of personal development. There is not the intention of describing any religion in particular. The aim of this article is to show how important it is for children and young people to have the opportunity of religious education in schools. Bibliographical references show that religious education is a topic concerning educators in different countries. It is described that religious education is also a component for social, cognitive, emotional and moral development of students. It is also suggested that this article should continued by further researches.

Keywords: Religious Education; Human Development; Person Education; School; Religion

ENSINO RELIGIOSO NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA PESSOA

Maria Judith Sucupira da Costa Lins

Introdução

Dentre os diversos fatores referentes ao desenvolvimento integral da pessoa, consideraremos neste artigo apenas a questão da aspiração a uma religião. Supondo que a adesão a uma religião seja um dos fatores do desenvolvimento integral da pessoa, passamos a pensar sobre o ensino religioso e seu papel neste desenvolvimento.

Por que ensino religioso? Esta é a pergunta fundamental que norteará nossa reflexão. Procuraremos analisar o papel da religião no desenvolvimento de uma pessoa, buscando entender o significado desta para a sua vida. O que significa a religião na totalidade do ser humano? Uma vez considerando o papel da religião, entende-se que se faz necessário o ensino religioso?

Poderíamos iniciar tomando como referência estudos teóricos e especulativos sobre o assunto, mas preferimos começar pela observação das idéias presentes no documento sobre ensino religioso da Secretaria de Estado de Educação e Cultura do Rio de Janeiro, elaborado na gestão da professora Myrthes Wenzel (Secretaria s/d) no final da década de 70, destacando a seguinte: “A Educação Religiosa é um grande fator de liberação e de humanização dos educandos, pois contribui essencialmente para a compreensão do mundo e da vida à luz da fé” (Secretaria, p.15).

Partimos da hipótese de que, além de outros fatores, para que aconteça o desenvolvimento integral da pessoa, pressupõe-se a existência da religião, e, para que esta aconteça, faz-se necessário o ensino religioso. Este artigo resulta de pesquisa bibliográfica, não sendo resultado de investigações de campo.

Consideramos o desenvolvimento da pessoa tendo em conta a religião como um de seus componentes, conforme autores de psicologia infantil e da adolescência, entre os quais podemos citar Erikson (1971), Hurlock (1979) e Giussani (1995). Na realidade, quando afirmamos que o ensino religioso é um dos fatores presentes no desenvolvimento integral da pessoa, estamos apontando o voltar-se para a religião como este fator. Assim é que afirma Giussani, em outra obra (1998, p. 26):

O aspecto da experiência que melhor indica isto está no fenômeno da *exigência* (grifo do A.) humana, indestrutível, seja como busca e afirmação do questionamento intelectual último (que sentido tem o mundo? Qual é o destino do homem e de tudo?), seja como urgência existencial (amor, justiça e felicidade).

Como alguém chega a perceber a presença da religião em sua vida? Qual o reconhecimento da importância da vivência religiosa na vida de uma pessoa?

A fé é o elemento primordial, no entanto esta não sobrevive sem um contínuo fortalecimento, o qual será, em parte, favorecido pelo ensino religioso. Lembremo-nos ainda de que “a razão humana, considerada sem alguma relação com Deus, não é suficiente por suas forças naturais apenas para procurar o bem dos homens e dos povos”, conforme explica Maritain (1930, p. 52).

Tratando-se de um artigo especificamente de educação, não faremos aqui nenhum estudo de cunho teológico, pois este é outro campo de estudo. Além disso, nenhuma religião em particular será analisada. Estamos também longe de qualquer discurso sobre a fé. O que está sendo posto como problema é a importância do ensino religioso no desenvolvimento integral da pessoa, tomando-se como hipótese a resposta positiva.

A idéia básica está exatamente na relação entre educação e ensino religioso, sempre se entendendo este como organização sistemática visando a aprendizagem de uma religião que já está anteriormente presente, mesmo que de forma primária, na criança e no jovem, principalmente por imitação do que acontece na família. Na criança, que ainda não tem a capacidade de decidir, a religião está presente por orientação dos seus pais. Não é uma criança que escolhe uma religião, de modo que é possível que a partir da juventude esta venha a abandonar a religião dos pais, trocando-a por outra ou deixando de ter fé em qualquer religião.

As verdades consideradas essenciais de cada religião são apresentadas pelos pais ou outros parentes, incluindo-se os próprios ritos de iniciação, particulares a cada credo professado por estes. Na adolescência ocorre o contrário, quando o jovem começa a se descobrir como alguém independente, iniciando-se um período de grandes controvérsias (ERIKSON, 1976). Em seus estudos sobre a personalidade do jovem, incluiu a questão da religião ao analisar a construção da identidade.

Nosso objetivo é discutir se existe a presença de uma aspiração religiosa que faça parte integrante do desenvolvimento da pessoa. Como estaremos restritos a este objetivo, não abordaremos o conteúdo do ensino religioso, nem suas modalidades, prescrições, métodos, especificações ou qualquer outro tema específico. Nosso interesse está na preocupação que o ser humano tem com as perguntas sobre sua vida, suas indagações, na medida em que estas ultrapassam o plano filosófico e ganham uma outra dimensão, exatamente, a dimensão religiosa. Que dimensão é esta?

Quais são as inquietações do ser humano que podem ser identificadas como religiosas? Que inquietações são estas? Ou mais concretamente, há estas inquietações?

Todas estas perguntas surgem na introdução de modo a levar o leitor ao cerne do nosso debate. Encontramos, no levantamento bibliográfico realizado, elementos que são trabalhados nesta reflexão de modo a nos encaminhar para a análise da presença do ensino religioso no desenvolvimento integral da pessoa. Se há uma busca do fenômeno religioso, faz-se necessário o ensino religioso.

A educação utiliza processos de aprendizagem. Uma pessoa se educa por meio de práticas de aprendizagem, intencionais ou não, sistematizadas ou não. É impossível se pensar em educação sem que haja aprendizagem, embora nem toda aprendizagem seja educação. A aprendizagem se expressa pela aquisição, retenção e generalização, conforme Lins (2004).

Aprender a manipular uma seringa pode ter como finalidade a auto-aplicação de insulina, no caso de pessoas diabéticas, ou o uso de drogas. Neste caso, a finalidade da aprendizagem define o seu tipo. Isto se deve à aplicação de critérios de valores que modificam o significado de uma aprendizagem, tornando-a ou não educativa. Assim é que valores, princípios e outros critérios determinarão quais são as aprendizagens necessárias e pertinentes ao processo de educação, em oposição àquelas que desviam a pessoa do processo de aperfeiçoamento típico da atividade educativa.

Esta explicação, fundamental para todos que se iniciam no problema da aprendizagem humana, por ser simples e clara, nos permite continuar a reflexão específica de nosso tema, entendendo-se que, ao se falar em ensino religioso, estamos necessariamente implicando uma aprendizagem religiosa. Dentro desta perspectiva, consideramos que a educação integral da pessoa se faz por meio de diferentes aprendizagens, incluindo-se entre as mais importantes aquelas proporcionadas pelo ensino religioso.

Como o ensino religioso deve ou não ser proposto não é tema de nossa discussão neste artigo. A discussão está limitada ao desejo que nasce no ser humano de se voltar para um ser superior que o criou, Deus, o qual responde a diferentes denominações. Esta ligação estabelecida entre o ser humano e um Deus é a base, inclusive etimológica, da idéia de religião. Entende-se então que a reflexão própria a este artigo se limita à compreensão da aspiração do ser humano num plano que é superior às suas capacidades mais elevadas, cognitivas, afetivas e sociais, ou seja, o plano da fé. Sim, porque fundamental a uma vontade religiosa está a fé. No ser humano a fé e a razão estão intimamente relacionadas, de modo que não se pode falar de uma sem outra. Por que fé? Porque toda religião pressupõe em primeiro lugar uma fé.

O ensino religioso não tem a pretensão de fornecer fé, de espécie alguma, a ninguém. Entende-se a fé, segundo diferentes credos religiosos, como dom. É algo recebido gratuitamente. Há no ser humano um movimento de correspondência à fé, o que torna necessária a aprendizagem, e por

isto o ensino. Deste modo, o ensino religioso se submete à fé. Razão e fé têm que estar vinculadas, pois o ser humano tem como característica a sua capacidade cognoscitiva. É na racionalidade que encontrará o caminho que será completado pela fé. Sobre estes aspectos veja-se a Encíclica de João Paulo II (1998), intitulada Fé e Razão.

Partimos da hipótese de que o ser humano, mesmo que não tenha ainda claramente compreendido qual é o objeto da sua busca, volta-se para caminhos que lhe mostrem a fé em Deus. A partir desta hipótese, consideramos, em segundo lugar, que o ensino religioso fará parte integrante de seu desenvolvimento pleno, pois terá um papel central na consolidação desta fé.

O tema aqui proposto é extremamente complexo. Trabalhando filosoficamente, permaneceremos muito mais no plano dos questionamentos do que de afirmativas, pois o espanto e a indagação nos guiarão nesta perspectiva. Se tivéssemos optado por uma metodologia teológica, a linha de pensamento seria outra, pois, mesmo havendo os questionamentos, a fé estaria como base para fornecer as respostas.

A presente discussão é realmente uma das mais atuais, no plano filosófico, assim como em outras áreas, como a antropologia e a psicologia. Pessoas de todas as idades se referem à religião, de um modo ou outro, seja em conversas informais ou em estudos mais profundos. Crescem os grupos religiosos, as iniciativas sociais religiosas e diferentes denominações religiosas recentes mostram esta dinâmica em plano mundial.

Trata-se de um assunto presente nas discussões contemporâneas, no mundo inteiro, no qual aumenta o número de pessoas que se auto-identificam como seguidoras de uma religião. E ainda, mesmo os que não seguem uma religião estabelecida se definem como interessados em assuntos de religião para a sua própria vida. Há uma preocupação cada vez maior com a religiosidade, mesmo que a pertença e a obediência desta derivada não estejam presentes nos comportamentos das pessoas.

Manifestações de diversas religiões conseguem agregar multidões. Meios de comunicação divulgam temas de religião; nos espaços reconhecidamente dispendiosos de rádios, jornais, revistas e TV assuntos de religião estão sempre presente. É inegável um movimento de busca de alguma coisa transcendental, mesmo que muitas vezes não se tenha consciência clara do que se quer. Por isso, o esclarecimento a ser dado pelo ensino religioso vem corresponder a esta ânsia do ser humano. Apesar disso, “A Europa, cristã apenas de nome, afinal de contas, já há quatrocentos anos tornou-se o berço de um neopaganismo que cresce sem solução de continuidade”. Como observava o então Cardeal Ratzinger (1974, p. 297)

As controvérsias sobre o assunto evidenciam a necessidade de uma contínua discussão, de modo que não pretendemos com este artigo chegar a uma afirmativa conclusiva.

Aspiração religiosa no desenvolvimento do ser humano

O que mais chama a atenção no momento em que alguém se dispõe a analisar o problema aqui focalizado é a justificção da discussão sobre este por conta de sua abrangência, na medida em que visamos a análise do ser humano enquanto alguém que está em processo de desenvolvimento. A formação da pessoa, ou o tornar-se pessoa, incluirá a aprendizagem da questão religiosa.

Nesta formação fornecida pelo ensino religioso não se pretende que uma pessoa se torne um teólogo, ou mesmo um especialista em religião, teórico ou pesquisador de categorias religiosas. Trata-se de não privar o sujeito de subsídios que devem fazer parte de sua formação visando o pleno desenvolvimento. Por que devem? Esta pergunta se volta para a questão da natureza humana e para as indagações filosóficas.

Analisando a filosofia da religião, Penna (1999, p. 27) faz o seguinte comentário:

Sobre os efeitos produzidos pela presença da religiosidade na cultura e no próprio indivíduo, tanto os apontam os que operam no estrito domínio da filosofia da religião como os que se situam nas áreas da psicologia, da sociologia e de outras ciências sociais. Não custa recordar o registro, em espaço anterior, da função integradora especialmente realçada pelos sociólogos, bem como, num plano estritamente ético, a célebre advertência de Dostoievski quando apontou para o fato de que “se Deus não existe, então tudo se torna permitido”, conseqüência terrível, dado que, se tudo é permitido, a convivência humana se tornará impossível (1999, p. 27).

Existe na natureza humana algo que faça a pessoa se voltar para uma religião? E se assim fosse, seria este um comportamento instintivo, mecânico, reativo a algum estímulo ou condicionado de qualquer forma? Ou qual seria a inspiração? Trata-se de uma atitude resultante de uma reflexão ou apenas de uma ação aleatória?

Na natureza humana se insere uma busca por algo que o sujeito não compreende de imediato. Há que se ensinar o caminho, embora mistérios permaneçam sem solução, pois mistérios fazem parte da relação do ser humano com o divino. “Quanto mais o homem é religioso, mais ele é real”, afirma Mircea Eliade (1959, p. 392), concluindo extensos estudos sobre as mais diversas religiões, comparando elementos míticos e de fé, analisando budistas e cristãos, observando manifestações profanas e sacras. Há valores fundamentais de espiritualidade que conferem ao ser humano uma forma especial de ser, manifestada em diferentes culturas.

Quando nos perguntamos “por que o ensino religioso?”, “para que tal ensino?”, buscando motivos e finalidades, pensamos neste ser real que se desenvolve e que aperfeiçoa as suas capacidades iniciais, que transforma em capacidades suas virtualidades. Ensina-se algo que se considera importante para o educando aprender. A inclusão de um conteúdo de saber, de qualquer área, num currículo escolar deve ser consequência de uma rigorosa avaliação de sua importância. Quais são as contribuições que este conteúdo traz para o desenvolvimento da criança e do jovem? Também para o ensino religioso está pergunta deve ser feita.

A escola é uma instituição social que tem, entre outras características, a promoção da formação e da informação dos alunos. Não pode fugir à sua vocação específica de instituição social que busca o desenvolvimento pleno de todas as crianças, visando primordialmente sua socialização. O ensino religioso faz parte deste elenco, principalmente se entendermos a educação inserida numa cultura e a religião como um dos elementos da cultura.

O que se faz preciso para se formar uma pessoa? O que promove seu desenvolvimento?

A psicologia do desenvolvimento infantil nos informa, com abundantes pesquisas, tornando-se até mesmo um conhecimento já popularizado, que o bebê humano é dos mais frágeis, se não for mesmo o mais frágil, necessitando para sua sobrevivência de atenção e cuidados especiais. Do ponto de vista biológico, social, psicológico e espiritual, se faz necessário o encaminhamento de aprendizagens para que a criança se desenvolva plenamente.

O que significa desenvolvimento espiritual?

Como entendemos de desenvolvimento espiritual e religião?

Ensino religioso promove desenvolvimento espiritual?

Há uma participação do desenvolvimento espiritual no desenvolvimento pleno da pessoa? Em que o desenvolvimento espiritual interfere no desenvolvimento pleno da pessoa?

Que tipo de pessoa se deseja? Quais são as finalidades da educação?

Todas estas perguntas, e muitas outras mais, nos levam a prosseguir na análise do tema. Antes mesmo de chegarmos às respostas, observamos que o conteúdo das indagações se referem a estilos de vida das pessoas, ao seu comportamento e a sua maneira de ser.

A religião pode ser entendida como o resultado de uma busca pela felicidade empreendida pelo ser humano. Maritain (1972, p. 122) dá o exemplo de uma religião, mostrando que o Bramanismo “é uma religião no sentido estrito de palavra (...) uma religião unicamente em virtude da sede do Absoluto”. Esta sede do Absoluto se manifesta de diferentes formas e

algumas vezes não é compreendida pelo ser humano, que tenta então se satisfazer com outras respostas.

Muitas vezes, procurando compreender o significado da religião na vida humana, se tende a buscar respostas que na realidade são muito mais ligadas à ética e à educação moral do que ao ensino religioso. Há diferenças entre educação moral e ensino religioso? Por que educação moral não é suficiente? A aprendizagem das virtudes, do ponto de vista ético, já não seria suficiente? Um ensino de ética não substituiria o ensino religioso?

Ética é uma prática social importante, considerando-se a sua origem no Ethos grego descrito por Aristóteles (utilizamos a tradução francesa de 1965), de modo que seja possível uma vida em harmonia. Tem uma enorme importância na vida política (*polis*) e resulta do exercício da virtude, como se pode aprender em sua obra básica sobre este tema, *A Ética a Nicômaco*.

Uma religião, no entanto, não se resume à ética. Viver uma religião pressupõe uma adesão consciente que ultrapassa o cumprimento das virtudes e a vivência de valores que constituem a ética, compreendendo não só o aspecto místico, mas aliando a este a transcendência da relação com o divino. A religião, além de ser um fato integrante da formação plena da pessoa, estabelece ainda esta ligação com o ser divino, criador, de tal modo que as coisas passam a ser entendidas numa outra perspectiva. Mesmo que não queiramos aqui abordar esta outra perspectiva, consideramos importante afirmá-la para caracterizar a distinção entre ética e religião. Viver eticamente pressupõe um tipo de exigência diverso do que a vida entendida numa perspectiva religiosa, como salienta Bert (2000), comentando a relação entre as duas instâncias.

Não desenvolveremos esta comparação, pois o tema específico aqui é outro; apenas tocamos neste ponto porque freqüentemente surge esta dúvida. De modo geral se observa uma confusão entre ética e religião, mesmo no meio de pessoas com níveis de escolarização mais altos.

Voltando à nossa hipótese inicial, perguntamos: há um papel do ensino religioso no desenvolvimento do ser humano?

A experiência religiosa se faz necessária, tanto do ponto de vista espiritual como do cognitivo, afetivo, social e moral, para que uma criança se desenvolva, é o que apontam pesquisas que analisaram escolas religiosas e não-religiosas, destacando-se a discussão apresentada por McKinney (2006). Vale também lembrar que as escolas públicas na Inglaterra, Alemanha, Canadá e França oferecem ensino religioso, e as escolas particulares religiosas nestes países recebem subsídios do governo. No caso da Inglaterra, observe-se que “escolas Britânicas Anglicanas e Católicas são financiadas pelo estado e são parte do sistema escolar do estado” (IFNEC@ADMIN.HUMBERC.ON.CA). Pode-se também consultar a página

<http://www.ofsted.gov.uk/publications>, na qual se encontra informação sobre o ensino religioso na Inglaterra.

Quanto ao Canadá, mesmo havendo as províncias de origem inglesa e francesa, a informação que se tem é de que “religião é freqüentemente parte de todas as escolas no Canadá”, segundo Goodman (1999).

Também na Holanda, país reconhecidamente de atitudes laicas, isto acontece, de modo que:

O sistema escolar holandês atual consiste de escolas públicas e predominantemente neutras ao lado de escolas privadas e amplamente confessionais. Ambas as formas de educação são totalmente subsidiadas pelo governo desde a revisão da Constituição em 1917 e a Lei de Educação de 1920 (WINGERDEN, 2003, p.27).

Estudo de Gardner, Cairns e Lawton (2005) discute a questão das chamadas escolas religiosas, os posicionamentos da sociedade em relação a estas, o que há de consenso e o que existe de conflito, mostrando sua importância no desenvolvimento da pessoa. O ensino religioso aparece como uma preocupação das famílias a ser garantida nas escolas que estas escolhem.

Mesmo que alguém, chegando à idade adulta, resolva abandonar a fé de sua infância, ou mesmo que na adolescência deixe para trás os ensinamentos, a sua personalidade poderá ser mais ampla em sua construção pelo que recebeu no ensino religioso, é o que se pode inferir dos citados estudos. De maneira geral se tende a pensar que os jovens estão arredios à Religião, ou que não têm preocupação religiosa, mas as pesquisas atuais mostram que uma mudança neste aspecto está ocorrendo. Citamos, por exemplo, que:

(...) adolescentes americanos não são tão hostis em relação à religião organizada como os pesquisadores pensavam, de acordo com um recente estudo conduzido na Universidade de Norte Carolina em Chapel Hill. O Estudo Nacional de Juventude e Religião descobriu que cerca de dois terços dos norte-americanos da 12^a série escolar dizem que não se sentem alienados em relação à religião organizada. Somente 15% disseram que se sentem hostis em relação à religião estabelecida, enquanto outros 15% disseram que não têm nenhum sentimento sobre o assunto (RELIGION JOURNAL, 2004).

Uma das principais idéias apontando para o fato de que o ensino religioso tem sentido para a vida do ser humano se expressa na afirmativa da existência de Deus feita por cientistas de diferentes áreas do conhecimento. Em um documento alemão, são muitos os citados, mas não nos estenderemos repetindo a enorme lista de cientistas e seus depoimentos, apenas alguns, como Max Planck (1858-1947) relatando a relação entre religião e ciência natural, afirma que não há oposição, “pelo contrário, elas se completam e se ligam. Deus está no início de tudo para quem

crer, e para o físico, no fim de todas as reflexões”. Ou ainda o cientista Von Braun (1912-1977): “Ciência e Religião são irmãs e não oponentes” (Katholik Junge Gemeid, s./d., p.6).

Muitos estudos estão em progresso atualmente sobre a importância do ensino religioso no desenvolvimento da pessoa, tais como o realizado por Nicholas Commons-Miller, James Day and Michael Lamport CommonsI (2006), referente aos estágios neoPiagetianos do desenvolvimento cognitivo e o comportamento religioso. (Commons@tiac.net - <http://dareassociation.org/>).

A dinâmica entre a escola e a cultura, principalmente no sentido de que a cultura é a premissa educativa e não resultado desta, traz também a reflexão sobre o lugar das formas culturais no âmbito do ensino, de modo que a educação responda a estas exigências, como bem destaca Giussani, “é o itinerário de experiência que a educação propõe” (1995, p. 136). E este itinerário de experiência, é para o autor, a experiência completa de vida a partir do encontro fundamental com a pessoa divina, origem da perspectiva religiosa. Uma escola não pode se furtar a esta missão. Dentre suas responsabilidades, tanto de informação como de formação, o ensino religioso se faz presente.

Reflexões finais

Quando se pretende estabelecer a importância do ensino religioso, de modo algum o proselitismo está presente. Como lembra Santoro (2003, p.9):

Afirmar a natureza confessional do ensino religioso, longe de ser um obstáculo, é um fator de crescimento do movimento ecumênico e do diálogo inter-religioso. Todas as confissões religiosas têm o direito de comunicar a sua visão cultural às novas gerações por meio do ensino, desde que sejam reconhecidas e credenciadas.

A questão do ensino às novas gerações reflete os problemas do desenvolvimento humano.

Erikson, do ponto de vista psicanalítico e cultural, realizou extensas pesquisas sobre os progressivos estágios do desenvolvimento da maturidade da pessoa, desde a infância até a idade adulta. Dentre suas conclusões, observa o seguinte: “Temos relacionado a confiança básica com a instituição da religião” (1971, p.234). Lembremo-nos que, para este autor, a expressão “confiança básica” designa a primeira etapa psicossocial a ser construída pela personalidade, além de que não significa um degrau abandonado posteriormente, mas algo fundamental continuamente conquistado pela personalidade madura.

Indo mais além, vejamos as contundentes anotações de Viktor Frankl, médico, psiquiatra, sobrevivente de Auschwitz, que, narrando os horrores do campo de concentração e observando o comportamento dos prisioneiros, afirma que o significado que se confere à própria vida fazia

diferença entre estes homens e mulheres torturados e humilhados. O aspecto religioso da vida de cada um deles sobressaía em sua maneira de enfrentar as situações extremas contra a dignidade humana as quais eram obrigados a suportar. A leitura de sua obra fundamental nos leva a inferir a necessidade crucial do ensino religioso, não como uma história da religião ou como uma doutrinação, mas como uma possibilidade que se abre ao aluno para sua reflexão pessoal. Como um horizonte novo que se lhe oferece caminhos abertos à sua escolha. Esta é a idéia do autor, principalmente por ter constatado que “uma vez que a busca de sentido por parte do indivíduo é bem sucedida, isto não só o deixa feliz, mas também lhe dá capacidade de enfrentar sofrimento” (Frankl, 1987, p.151).

Os conhecidos estudos realizados por Kohlberg (1981) sobre o desenvolvimento da ética e da moralidade e as perspectivas da educação moral, elaborados principalmente a partir de pesquisas empíricas com a aplicação de problemas que se constituíam em dilemas levaram o autor a estabelecer um quadro evolutivo com níveis que se superpõem hierarquicamente. Estes níveis partem do mais elementar, no qual a criança age para fugir da punição ou para obter uma recompensa até o sétimo nível do exercício livre da justiça e da preocupação social/ética/moral, com a conotação religiosa bastante forte.

Seus últimos estudos apontam para um oitavo nível, que seria caracterizada por uma espiritualidade e que resultaria da aprendizagem decorrente da percepção religiosa da vida. O ensino religioso encontra nas pesquisas de Kohlberg um forte respaldo, salientando-se que em nenhum momento este aponta para alguma religião em particular, mas para o papel da religião na capacidade do indivíduo de resolver dilemas da vida diária.

Podemos concluir que o ensino religioso tem um lugar importante no desenvolvimento integral da pessoa, principalmente quando se sabe que se faz necessário o pleno desabrochar vocacional de cada indivíduo. Neste sentido é que mais se entende a proposta de que

há uma vocação da humanidade para transformar o mundo e há uma vocação de todo ser humano para a vida divina. As duas, como vimos, são intimamente ligadas: a transformação do mundo condiciona para um grande número, numa ampla medida, o acesso à vida divina, e, sem uma vida de fé, a humanidade desespera pela transformação do mundo (SUAVET, 1959, p. 101)

Não podemos, no entanto, nos esquecer da liberdade das pessoas, de modo que “A pluralidade da sociedade nos mostra a necessidade da convivência das pessoas filiadas a diferentes grupos religiosos. Não se pode pretender a arbitrariedade de um ensino religioso único para todos” (LINS, 2004, p. 3). Esta é uma exigência fundamental para que não se caia numa intolerância e numa forma de preconceitos e também de perseguições. O respeito à consciência livre de cada um é portanto fim e base do ensino religioso.

O compromisso da escola com o desenvolvimento pleno da pessoa engloba diferentes aspectos, desde os especificamente individuais a todos os relacionamentos sociais. Além da excelência de ensino, do ponto de vista científico-técnico, da informação atualizada e das pesquisas das diferentes áreas de conteúdo do saber, há que se proporcionar ao indivíduo em formação o ensino religioso, como um dos pontos fundamentais de sua escolarização. O ensino religioso não é algo distanciado desta realidade, pois sua proposta coincide exatamente com esta dupla formação para a criança e para o jovem, não excluindo a alta qualidade que deve ser meta da escola.

Devido à complexidade do tema deste artigo, observa-se que na maioria das vezes as perguntas ficaram sem resposta. É importante, pois, que pesquisas abordando a questão do ensino religioso possam continuar a proposta aqui apresentada. De modo algum pretendíamos concluir este estudo de forma fechada, pelo contrário, abrimos novos caminhos para reflexão e constante indagação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES – tradução de 1963 – *Ethique a Nicomaque* – Ed. Flammarion - Paris
- BERT,Jonathan – 2000 - Como poderia a ética depender da religião ? in SINGER,Peter (ed) – *How could Ethics depend on Religion? Companion to Ethics* - p. 525- 533Part VII – Challenge and Critique TRADUÇÃO: Maria Judith Sucupira da Costa Lins- *Revista ETHICA* - Cadernos Acadêmicos - v. 7- n.2 - 2000 - UGF - p.21-36
- ELIAD, Mircea – 1959 – *Traité d’Histoire des religions* – Ed.Payot, Paris – France
- ERIKSON, Erik – 1971– *Infância e Sociedade* – 2ª ed – Trad.Gildásio Amado(1963) Zahar ed.- RJ
- _____ - 1976 – *Identidade, Juventude e Crise* – Zahar ed. RJ
- FRANKL, Viktor – 1987- *Em busca de sentido. Um psicólogo no Campo de concentração* – Ed. Sulina – POA
- GARDNER, Roy, CAIRNS, Jo & LAWTON, Dennis – 2005 – *Faith schools, consensus or conflict?* – London, Routledge Falmer – 267 p. – ISBN 0-45-33526-4
- GIUSSANI, Luigi – 1995 - *Il rischio educativo* – Societa Editrice Internazionale - Torino
- _____ -1995–*Il cammino al vero è un’esperienza* – Societa Editrice Internazionale - Torino
- _____1998 – *Il senso di Dio e l’uomo moderno*–Biblioteca Universale Rizzoli–7ªed - Milano
- HURLOCK, Elizabeth –1979 - *Desenvolvimento do Adolescente* – Ed.McGraw-Hill do Brasil – SP
- IFNEC@ADMIN.HUMBERC.ON.CA

<http://www.ofsted.gov.uk/publications>

JOÃO PAULO II – 1998 - Encíclica Razão e Fé Carta Encíclica do Sumo Pontífice João Paulo II – Ed Loyola –6^a ed.

KATHOLIK JUNGE GEMEIDE – s/d – Alle denken das gleiche: Gott existiert –Neustadt – Deutschland

KOHLBERG, L. – 1981 – Essays on Moral Development – v. 1 – The Philosophy of Moral – Harper & Row Publisher – San Francisco

LAMPART, Michael C.et alter - (Commons@tiac.net - <http://dareassociation.org/>).

LINS,M.J.S.C –2004- Direito ao Ensino Religioso – Jornal Cátedra – p 3 abril 2004 -

_____ - 2004 – Avaliando o Processo de Aprendizagem -in Revista ENSAIO –CESGRANRIO –

n.42 v. 12 jan/mar 2004 - p.623-636

MARITAIN, Jacques – 1930 – Religion et Culture - Desclée de Brouwer Ed. 3^a ed. Paris

_____ - 1972 – A Igreja de Cristo – Ed. Agir - RJ

MCKINNEY, Stephen – 2006 - The faith-based schools debate: challenging assumptions and stereotypes - in Journal of Moral Education – v.35, n.1, March 2006, pp.105-115

PARKER-JENKINS, Marie, HARTAS, Dimitra & IRVING, Barrie – 2005 – In good faith. Schools, religion and public funding – Aldershot, Ashgate Publishing Ltd. ISBN 0-7546-3351-9

PENNA, A G – 1999 - Em busca de Deus – Introdução à filosofia da religião – Ed.Imago - RJ

RATZINGER, Joseph – 1969 – O novo povo de Deus – Ed. Paulinas – RJ

RELIGION JOURNAL, Feb. 7, 2004 - <http://www.religionjournal.com/showbrief.asp?id=1112.>)

SANTORO, Filippo –Uma questão de liberdade – Jornal O GLOBO – p.9 –10.11.2003-RJ

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA (s/d)– Não há Educação sem Deus - Rio de Janeiro,RJ

SUAVETTH –1959 – Spiritualité de l’engagement–Economie et Humanisme– Lês Editions Ouvrieres – Paris

WINGERDEN, Marjoke Rietveld-Van – 2003 - A Dangerous Age? Secondary education and moral-religious training: the case history of Dutch Jewish secondary education 1880-1940 – Journal of Beliefs & Values, v. 24, n. 1, 2003 – p.27-38